

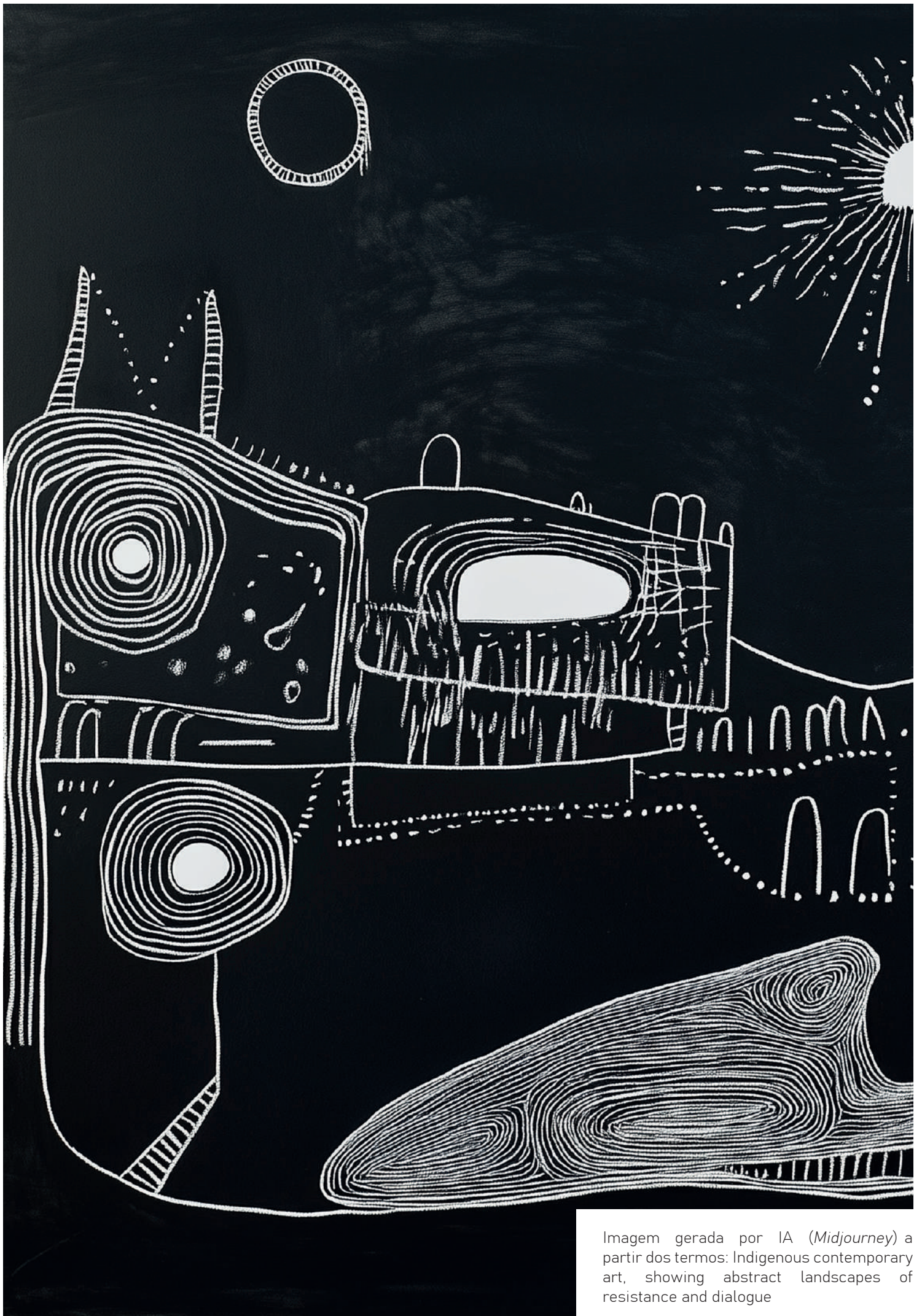


Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Indigenous contemporary art, showing abstract landscapes of resistance and dialogue

PSICANÁLISE SEVERINA*

Andréa Máris Campos Guerra  0000-0001-5327-0694
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo

Nosso propósito é delinear orientações para a clínica psicanalítica numa perspectiva decolonial. Para isso, trabalhamos teoricamente com a lógica da predicação e a defesa inconsciente da *cripta*. Utilizamos as três declinações predicativas “eu sou”, “tu és”, “ele é”, destacando a função destinal e mortífera desta última. E tomamos a *cripta* como corrupção sígnica a partir da semiótica de Pierce. Recorremos a elementos da cultura brasileira e a uma intervenção realizada em quilombo urbano para evidenciar como esses elementos conceituais tornam-se chave de leitura e interpretação para a clínica psicanalítica. Retomamos autoras decoloniais e concluímos pela discussão de seis princípios clínicos: escavar uma memória para o futuro, fissurar o discurso ideológico vigente; nomear o gozo ou construir um discurso sobre si mesmo; operar com os destroços da língua, abrindo fendas na significação arbitrada pelo Outro; assim, fissurar a defesa estruturada pela *cripta*; e, finalmente, recompor a história e assumir seu lugar de responsabilidade na mesma.

Palavras-chave

Psicanálise, colonialidade, inconsciente, clínica.

SEVERINE PSYCHOANALYSIS

Abstract

Our purpose is to outline guidelines for the psychoanalytic clinic from a decolonial perspective. To do this, we work theoretically with the logic of predication and the unconscious defense of the *crypt*. We use the three predicative declensions “I am”, “you are”, “he is”, highlighting the fateful and deadly function of the latter. And we take the *crypt* as a sign of corruption based on Pierce’s semiotics. We use elements of Brazilian culture and an intervention carried out in an urban quilombo to highlight how these conceptual elements become key reading and interpretation for the psychoanalytic clinic. We return to decolonial authors and conclude by discussing six clinical principles: excavating a memory for the future, fissuring the current ideological discourse; name the enjoyment or construct a discourse about oneself; operate with the remains of language, opening cracks in the meaning arbitrated by the Other; thus, cracking the defense structured by the *crypt*; and, finally, recompose history and assume your own place of responsibility in it.

Keywords

Psychoanalysis, coloniality, unconscious, clinic.

Submetido em: 28/11/2024
Aceito em: 01/12/2024

Como citar: GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise Severina. (des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. e56176, jul./dez. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

* Esse artigo é fruto de uma reflexão oriunda de seminário psicanalítico dedicado ao poema Vida e Morte Severina de João Cabral de Melo Neto. Dedico o texto à Silas Bourguignon, Rita Mendonca e Carlos Eduardo Leal.

Para Miriam Debieux Rosa, que abriu portas para o severinar

Habitualmente a psicanálise aconteceu nos consultórios privados. Tradicionalmente a psicanálise se orientou pelo horizonte da subjetividade de sua época. E originalmente a psicanálise se deteve nas defesas inconscientes de sujeitos do Norte Global. Neste artigo, busco renovar a teoria clínica da psicanálise de modo situado e no horizonte geopolítico de nosso agora.

Para isso, centro-me na função do nome e na lógica da predicação. E me apoio na tese de que há uma defesa inconsciente ainda não teorizada pela Psicanálise e oriunda do processo de migração linguística forçada, característico dos processos de colonização, a cripta. Meus argumentos partem de recursos teórico-conceituais, clínicos e estéticos. De modo transversal, me valho da cultura brasileira, sua poesia, música e filmografia, num recorte do Nordeste ao Sudeste do país.

Retomo, de saída, o Auto de Natal de João Cabral de Mello Neto para pensar uma Psicanálise Severina.

"O meu nome é Severino,/não tenho outro de pia./Como há muitos Severinos,/que é santo de romaria,/deram então de me chamar/Severino de Maria;/como há muitos Severinos/com mães chamadas Maria,/fiquei sendo o da Maria/do finado Zacarias./Mas isso ainda diz pouco:/há muitos na freguesia,/por causa de um coronel/que se chamou Zacarias/e que foi o mais antigo/senhor desta sesmaria./Como então dizer quem fala/ora a Vossas Senhorias?/Vejamos: é o Severino/da Maria do Zacarias,/lá da serra da Costela,/limites da Paraíba".¹

Sequência 1 – Morte e Vida Severinas

Severino, como muitos "severinos", é o retirante que foge de sua "sina igualmente severina" para reencontrá-la em cada ato deste poema, dos mais belos de nosso repertório nacional.

"E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida,/ morremos de morte igual,/ mesma morte severina:/ que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos 20,/ de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte Severina/ ataca em qualquer idade/ e até gente não nascida)".²

Versos em redondilhas, sete notas, como uma música que fere ouvidos habitualmente moucos. O rio e o homem sofrem a seca, seguem seu curso em via crúcis, no rosário em direção ao mar do Recife. Porém, em busca da vida, Severino da Maria do finado Zacarias lá da Serra da Costela lá no limite da Paraíba só encontra a morte: a carpipeira, o corpo assassinado por emboscada carregado para o enterro, a plantação que condena o trabalhador, os coveiros que conversam sobre a triste sina dos indigentes migrantes na capital.

Ao finalmente alcançar e contemplar o mar, Severino, apagado pelo prenome, ao tomar a predicação de seu ser pelo destino "severino", pensa em tirar a própria vida. É

¹ Mello Neto, *Morte e vida severina*, p. 02.

² Mello Neto, *Morte e vida severina*, p. 02-03.

quando encontra um pescador de caranguejos e inicia com ele uma prosa. Neste momento mesmo, o pescador recebe a notícia de que seu filho acabara de nascer. Sendo um Auto de Natal, chegam os vizinhos com presentes e a vida, mesmo "severina", se renova. "É difícil defender só com palavras a vida/Ainda mais quando ela é essa vida severina".³

Qual o lugar do nome em uma Psicanálise Severina?

Sequência 2 – Nominação em J. Lacan

A fim de responder a esta questão, gostaria de me deter, neste artigo, em duas operações clínicas: a da intervenção sobre a cripta – defesa inconsciente – e outra referente à interpretação sobre a função da nomeação, a partir da lógica predicativa. Assim como Patrícia Hill Collins (2019) também constata, quanto à pessoa negra, existem "imagens de controle" que limitam a presença de determinados corpos. Acrescentamos, com a psicanálise, que essa é uma operação política, mas também inconsciente. Ainda não extraímos as consequências que a tradição psicanalítica nos oferece para o trabalho clínico com todo o ferramental e fortuna crítica de que dispõe. Aqui busco dar um passo neste sentido.

Para pensar como um nome mata a coisa (*das Ding* freudiano) ou, em outras palavras, como uma representação opera em termos pulsionais, retomo a teoria da nominação em Jacques Lacan. Para a psicanálise, toda dimensão pulsional busca vias de satisfação, seja pela via da representação ou do ato. Essa dimensão, porém, nunca é totalmente traduzível, escoável. Ela pode ficar detida no eu, como excedente que provoca angústia, sintoma, sofrimento. Cunhamos de gozo esse sofrimento que guarda um prazer estranho ao *Eu*.

Do livro "A teoria da nominação em Jacques Lacan",⁴ podemos deduzir algumas teses acerca da função do nome, como ponto de partida conceitual:

1. Na obra lacaniana dos anos 1950,⁵ o nome guarda a função de tradução e conexão simbólica, vincula um afeto a uma representação. Testemunha-se aqui a prevalência do simbólico, no sentido da palavra que mata a coisa.

2. No final dos anos 1950,⁶ o nome apresenta uma função estruturante do sujeito. Ele permite a quem fala articular o desejo aos objetos, produzindo o efeito sujeito. Confrontado com o vazio do nome, o sujeito aproxima-se da sua posição como objeto, respondendo à demanda do Outro com seu desejo. O sujeito recebe do Outro a sua própria mensagem invertida.

3. Do Seminário IX ao Seminário XII, nos anos 1960, vemos o nome próprio aparecer como um designador rígido, que designa o objeto a que se refere, sem tradução ou significado em si mesmo. O nome surge como uma ilusão de sutura diante de um vazio original de sentido que não se pode obstruir, mostrando que o sujeito está em exclusão interna a seu objeto⁷.

4. Nos anos 1970, o nome se torna a marca da insuficiência da própria linguagem, do próprio signo em representar o objeto ou o sujeito. Lacan constata um limite estrutural

³ Mello Neto, *Morte e vida severina*, p. 28.

⁴ Guerra; Vorcaro. *A teoria da nominação em Jacques Lacan*.

⁵ Lacan, Jacques. *Os escritos*.

⁶ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6*.

⁷ Lacan, Jacques. *Ciência e verdade*.

de todo ser falante com a linguagem. Esse limite produz a evaporação da função do pai⁸ como articulador da lei do desejo. Por que fala, o sujeito esbarra com um impossível e este limite funciona como orientação para o gozo. O traço uniano⁹ e o gozo feminino suplementar ao falo¹⁰ indicam a nomeação visando um impossível.

5. Ao final de seu ensino no final dos anos 1970, Lacan associa a nomeação real, simbólica e imaginária respectivamente à angústia, ao sintoma e à inibição, nomeando os três nomes-do-pai freudianos. Ele demonstra a função da nomeação como quarto termo numa estrutura topológica, que vincula a realidade e indica o modo de gozo de um sujeito articulado ao enodamento dos três registros da realidade psíquica: real, simbólico e imaginário. É o caso do escritor James Joyce, irlandês herdeiro de 800 anos de colonização, é a *monstração* de que um nome pode substituir o pai e adquirir essa função de um tratamento *sinthomático* do impossível da estrutura da linguagem.

Sequência 3 – O espelho pelo avesso

Ora, olhar pelo avesso, sem nos mirarmos no espelho das teorias ocidentais, com sua marca neoliberal, burguesa, branca, cishetero falopatriarcal e euro-americana, nos permite fazer a operação clínica psicanalítica girar conceitualmente. Neste caso, a nomeação ganhará outra inflexão.

“Enquanto Freud testemunhava as mulheres vienenses cansadas de esconder seus calcanhares sob longos vestidos e armaduras, as mulheres negras brasileiras, degrau mais básico de sustentação da economia nacional, decidiam como sustentar suas famílias, com homens sem alfabetização, sem sapatos e sem nenhum tipo de política de reparação pelo crime mais radical já cometido em qualquer outro tempo e outra geopolítica: a escravização de um ser humano”.¹¹

Nos idos do século XIX, o Império de Orleans e Bragança recebia, da pena da princesa portuguesa que governava o Brasil como regente pela terceira vez, a abolição da escravatura. Freud escrevera o texto clássico das afasias em 1891. A princesa cedeu à pressão abolicionista econômica e política em 1888.

Como sustentar a universalidade da experiência com o inconsciente, sem deixar de notar as nada sutis linhas abissais que diferenciam Norte e Sul Globais? Que separam o mundo dos homens e das mulheres? Mundo que crê em binarismos e dualidades, em certezas emancipatórias e iluminadas, para se assegurar, de modo suposto neutro e universal, daquilo que o auto-garante desde sua própria proposição?

Desvelado esse arranjo colonial radicalmente desigual e invisibilizado por séculos, poderemos ainda universalizar como Um o modo como se distribuiu o gozo do corpo, da língua, do gênero e das riquezas? Poderemos crer que se sofre do mesmo modo no Sul e no Norte Global? Como os nomes se distribuem? Como eles produzem refrações? Criam hierarquias simbólicas?

Sugiro que abram, por curiosidade, os mapas coloridos que cartografam as taxas de feminicídio, os índices de transfobia ou os de mortes por conflitos urbanos.

⁸ Lacan, Jacques. *Intervenção aos psiquiatras*.

⁹ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 19*.

¹⁰ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 20*.

¹¹ Guerra, *Sujeito suposto suspeito*, p. 22.

Naturalizamos e invisibilizamos a morte severina – desde que ela não chegue muito perto... Olhar pelo avesso implica em perspectivar a cena, a Outra cena inconsciente, de modo descentrado. Chamamos de elipse decolonial em psicanálise¹² esse giro que desestabiliza regimes de poder introjetados e gerenciados superegoicamente desde nossa maior intimidade estrangeira, nosso corpo. Vejamos sua inflexão sobre a teoria da nomação.

Sequência 4 – O nome (ou a predicação) em terceira pessoa

Severino é nome próprio, substantivo e adjetivo. Masculino. Conta a sina de um homem, que reproduz a sina de todos os homens severinos: morrer antes da hora. Nesse sentido, ele indica uma lógica predicativa. E elas são três: “ele é”, “tu és”, “eu sou”. “Severino”, ele é.

“Alguns nomes cumprem a função de significantes destinais, no sentido de marcarem um tempo para além da história, ou seja, o próprio predicado já é uma ameaça para quem o recebe por marcar, de forma antecipada, um destino destrutivo”, recolho do livro de Cristiane Ribeiro, “Tornar-se negro, devir sujeito” (2022), retomando algumas proposições não publicadas de Célio Garcia.

Nesta linha, somo, à história de Severino, a música de uma mulher nordestina e de duas irmãs do sertão pernambucano. Primeiro, sigamos a música, intitulada “A violeira”, que trata da sina da mulher nordestina. Morte e Vida são substantivos femininos.

Desde menina /Caprichosa e nordestina /Que eu sabia, a minha sina/ Era no Rio vir morar/ Em Araripe / Topei com o chofer dum jipe/ Que descia pra Sergipe/ Pro Serviço Militar/ Esse maluco/ Me largou em Pernambuco/ Quando um cara de trabuco/ Me pediu pra namorar/ Mais adiante/ Num estado interessante/ Um caixeiro viajante/ Me levou pra Macapá/ Uma cigana revelou que a minha sorte/ Era ficar naquele Norte/ E eu não queria acreditar/ Juntei os trapos com um velho marinheiro/ Viajei no seu cargueiro/ Que encalhou no Ceará/ Voltei pro Crato/ E fui fazer artesanato/ De barro bom e barato/ Pra mó de economizar/ Eu era um broto/ E também fiz muito garoto/ Um mais bem-feito que o outro/ Eles só faltam falar/ Juntei a prole e me atirei no São Francisco/ Enfrentei raio, corisco/ Correnteza e coisa-má/ Inda arrumei com um artista em Pirapora/ Mais um filho e vim-me embora/ Cá no Rio vim parar/ Ver Ipanema/ Foi que nem beber jurema/ Que cenário de cinema/ Que poema à beira-mar.

E não tem tira/ Nem doutor, nem ziguizira/ Quero ver que é que tira/ Nós aqui desse lugar.

Será verdade/ Que eu cheguei nessa cidade/ Pra primeira autoridade/ Resolver me escorraçar/ Com tralha inteira/ Remontar a Mantiqueira/ Até chegar na corredeira/ O São Francisco me levar/ Me distrair/ Nos braços de um barqueiro sonso/ Despençar na Paulo Afonso/ No oceano me afogar/ Perder os filhos/ Em Fernando de Noronha/ E voltar morta de vergonha/ Pro sertão de Quixadá/ Tem cabimento/ Depois de tanto tormento/ Me casar com algum sargento/ E todo sonho desmanchar. Não tem carranca/Nem trator, nem alavanca/Quero ver quem é que arranca/Nós aqui desse lugar.¹³

A violeira conta a história de muitas mulheres “severinas”, assim nomeadas por dois homens: Tom Jobim e Chico Buarque. História de um país em migração interna no

¹² Guerra; Lima, *Psicanálise em elipse decolonial*.

¹³ Jobim; Buarque, *A violeira*.

roteiro Nordeste-Sudeste. Fruto da expansão industrial e ausência de política econômica e social para essa região sofrida do país pela seca de seu território geográfico nos anos 1970.

Hoje a migração interna mudou. O racismo ecológico (re)produz a monocultura e fixa pessoas no interior do país. As migrações se dão de modo circular entre várias regiões: Centro-Oeste, Nordeste e Norte – e devasta paisagens. Modos de viver juntos foram extintos junto com a cultura do mesmo, do homogêneo.¹⁴ Estamos atravessando o ponto de não-retorno na Floresta Amazônica, que se tornará uma região desértica em cerca de oitenta anos – ou menos, dada a aceleração do avanço da crise climática. “Desde menina/ Caprichosa e nordestina/ Que eu sabia, a minha sina/ Era no Rio vir morar [...] Uma cigana revelou que a minha sorte/ Era ficar naquele Norte/ E eu não queria acreditar”.¹⁵

“*Tu és nordestina*” indica uma segunda lógica predicativa. “*Tu és*”. Nela há diálogo, mesmo quando não aparece de saída a dialética possível: “*tu és Severina*”. O sujeito, diante da predicação do outro, pode reagir, se deslocar. A violeira reage: “Não tem carranca/ Nem trator, nem alavanca/ Quero ver quem é que arranca/ Nós aqui desse lugar”.¹⁶

A terceira obra, agora um filme transformado em série, intitula-se “Entre irmãs”.¹⁷ A obra foi baseada no livro “A costureira e o cangaceiro”, de Frances de Pontes Peebles (2009). Ela também é uma mulher nordestina, fazendeira e pernambucana, porém hoje vivendo nos EUA. Diz que se sentia curiosa por não haver história sobre as mulheres no Brasil dos anos 1930, tempos de jagunçagem no sertão nordestino.

Ela, então, pesquisa e escreve a *escolha*, não a sina, de duas irmãs no interior do sertão pernambucano. Criadas sozinhas pela tia para seguirem seu ofício de costureira, essas duas mulheres tecem suas próprias histórias em um cenário francamente adverso à afirmação feminina da época.

Emília sonhava com a capital, Recife, e sua moda cosmopolita. Casa-se com um burguês e se muda para lá. Não posso dizer que ela realizou seu sonho, mas sustentou sua escolha. Luzia é obrigada a acompanhar um grupo de jagunços, mas é ela quem decide ir, antes de vir a ser abandonada pela irmã, depois de a tia morrer. Seu medo era ficar só no sertão. Ela se apaixonara pelo líder jagunço e seguiu com este numa vida apaixonada e seca. Torna-se a jagunça “Costureira”.

Luzia encarna o “eu sou” na sua decisão apaixonada face ao “tu és” da nomeação que lhe retorna invertida na veiculação pelos jornais e pela boca do povo: “És a Costureira”. Ao que ela metaforicamente retruca: “Eu não roubo passarinho. Só faço abrir a porta da gaiola, mas é ele que escolhe se vai ou se fica. Liberdade não é coisa que se dê, não”.¹⁸ Ela afirma seu amor e sua decisão sem titubear. Este é seu modo de enfrentar o medo.

Entretanto, Luzia não consegue se subtrair do destino mortífero de toda designação em terceira pessoa: “Ela é” ... jagunça, cangaceira, nordestina, severina. Deve, pois, morrer precocemente. Como lidar hoje na clínica com essa nomeação em terceira pessoa? Nesse terceiro nível de nomeação, a lógica predicativa refere-se ao “Ele/a é”.

¹⁴ Bispo. *A terra dá, a terra quer*.

¹⁵ Jobim; Buarque, *A violeira*.

¹⁶ Jobim; Buarque, *A violeira*.

¹⁷ Silveira, *Entre irmãs* [filme].

¹⁸ Silveira, *Entre irmãs* [filme].

Sequência 5 - Sobre a lógica predicativa e a colonialidade

Sobre a lógica predicativa e as nomeações, temos que “a nomeação predicativa é a forma através da qual se constrói a ciência positiva, e que não deixa qualquer margem para saída inventiva ou espaço para contingência na trajetória do sujeito”.¹⁹ São três os tipos de emprego do nome. Classificam-se as nomeações em “primeira, segunda e terceira pessoa, sendo a última a mais devastadora na constituição subjetiva, pois considera a nomeação capaz de massificar, discriminar e sustentar o extermínio”.²⁰ Ribeiro,²¹ apoiada em Garcia (2012), fala em três tipos de emprego do nome ou da nomeação para explicar a incidência do racismo:

1. O primeiro seria aquele que se nomeia em primeira pessoa: “Eu sou”, ou seja, o sujeito se autorizando a falar de si mesmo e arcando com as responsabilidades implicadas nessa operação discursiva;

2. O segundo tipo, nomeação em segunda pessoa, descreve a nomeação pelo Outro, que o autor exemplifica com as classificações e com os diagnósticos, referindo-se ao efeito que carregam de “moldar as pessoas”;

3. E o terceiro tipo, nomeação em terceira pessoa, se refere à forma mais devastadora, aquela que massifica e que, mais do que discriminar, pode decretar um destino funesto, uma sentença de extermínio, na medida em que apaga, sob um predicado arbitrário, qualquer expressão das singularidades.

O que a lógica predicativa revela em sua função de recobrimento do real traumático? Referimo-nos à colonialidade como estratégia discursiva que reveste o corpo de gozo com as predicacões. Moreno-Cárdenas (2023), nesse sentido, distingue a *cena colonial*, vivida no passado, da *situação colonial*, atualizada no presente. Em suas palavras:

A cena colonial é a inscrição fantasmática que está como pano de fundo de uma situação colonial, ela corresponde a uma experiência já vivida em um tempo de outrora e que consegue ser transmitida (com fraturas, claro) e sobrevive até hoje. É a experiência do passado à que faz referência o que se atualiza ou insiste no presente. É análoga à segunda cena do trauma em Freud, se for possível colocá-la nesses termos.²²

Essa *cena colonial*, porque não inscrita na língua originária, resta encriptada e pode ser vivida como rastro, resto, ruína no presente como *situação colonial*.

[A situação colonial] seria a forma como se manifesta, no cotidiano, o colonialismo interno dentro do marco de relações, sintomas e formas de sofrimento. São todos aqueles momentos cotidianos e contemporâneos que carregam uma marca colonial ou a suspeita da insistência de um anacronismo que está em jogo. É a experiência do presente equivalente à primeira cena do trauma em Freud.²³

¹⁹ Ribeiro, *Tornar-se negro, devir sujeito*, p. 109.

²⁰ Ribeiro, *Tornar-se negro, devir sujeito*, p. 103.

²¹ Ribeiro, *Tornar-se negro, devir sujeito*, p. 109.

²² Moreno Cárdenas, *A colonização e seus restos*, p. 26.

²³ Moreno Cárdenas, *A colonização e seus restos*, p. 26.

Seu ponto de partida é a afirmação de que o que caracteriza a experiência colonial nos nossos dias são elementos sentidos como anacrônicos, tais como vivências, experiências, situações ou arranjos sintomáticos, fruto da violência da colonização e da racialização, que, de forma insistente, retornam no contemporâneo nas formas de sofrimento do sujeito colonial, nos mecanismos de perpetuação estruturais do poder, mas também nas estratégias singulares e coletivas de resistência.²⁴

Nossa hipótese é a de que a nomeação em terceira pessoa diz respeito ao modo como se encripta a perpetuação da *cena colonial* na *situação colonial*. Lidamos, conscientemente, com uma situação que está remetida a uma dimensão apagada, inconsciente. Como isso se dá?

Sequência 6 – A experiência quilombola

Temos uma hipótese que elucida o recobrimento das nomeações sobre os corpos e sujeitos no contexto colonial: a cripta.²⁵ Minha proposição teórica, aqui, parte de uma intervenção clínica. Estive, junto a três outras psicanalistas e mulheres negras, no trabalho transferencial de escuta-registro-testemunho-intervenção em um quilombo urbano na cidade brasileira em que resido: a capital do estado de Minas Gerais no Brasil.

Neste contexto, o significante “quilombola” subverteu a predicação “favela”. Ele emergiu no lugar dos de “pobreza”, “criminalidade” e “adoecimento mental”. “Favela” era o modo como este quilombo era nomeado pelo Outro social, de onde derivava a nomeação: “tu és favelado”. Ela velava todo o processo histórico de desapropriação territorial e subjetiva do percurso desta família ancestral. Como lembra Nego Bispo, outro quilombola que pastoreava adestrando bois, adestrar e colonizar é a mesma coisa.

“Começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. A operação de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta”.²⁶

Essa família ampliada estava sofrendo uma ação de despejo nas próprias terras herdadas da bisavó, que fora casada com um homem escravizado. Havia uma carga pulsional mortífera, que emergia na forma de auto e heteroagressividade, tanto no nível subjetivo quanto no das relações como resultado do encriptamento de sua história, apagada pela legislação moderna de títulos e propriedades.

Ao inaugurar o trabalho clínico neste contexto, testemunhei um modo peculiar de a estrutura da linguagem se articular desde o plano inconsciente como desastre, tremor, defesa, atravessado pela história colonial como um espectro, um fantasma, um tempo congelado. Há um modo específico ainda não teorizado pela psicanálise, justamente por se tornar obnubilado pelo discurso eurocêntrico e invisibilizado pelo discurso neocolonial.²⁷ Mudar o enquadre de seus termos implica em intervir na perspectiva que os enquadra. E o que encontrei foi uma intensidade pulsional sem tradução. Ele diz

²⁴ Moreno Cárdenas, *A colonização e seus restos*, p. 80.

²⁵ Guerra, *A cripta*.

²⁶ Bispo, *A terra dá, a terra quer*, p. 12.

²⁷ Guerra, *Sujeito suposto suspeito*.

respeito ao ponto de encontro entre a pulsão e a representação, embotado no signo linguístico.

Afetos ou intensidades compareciam fora do campo da linguagem, como excedente que parece não ter podido ganhar impressão psíquica, dada a migração linguística forçada datada ainda do período de colonização. Fenomenologicamente, algumas vivências se aproximavam do céu aberto das psicoses, dada a intensidade pulsional sem representação que carregavam. Esse excedente sem tradução retorna vivo hoje. É o que Moreno-Cárdenas²⁸ nomeia de o *passado presente da colonização* vivido e perpetuado por seus índices-restos. Vejamos como.

Sequência 7 – Cripta

A experiência da dizimação dos povos originários e da escravização marcou profunda e distintamente os países herdeiros dos processos de colonização. No Brasil, o império português foi o responsável nos séculos XVI e XVII, pela imposição da língua portuguesa sobre as matrizes indígenas originárias, bem como pelo maior comércio de pessoas escravizadas na história mundial. Assim, entendemos que o encontro entre as línguas dominantes e dominadas não foi sem consequências para a resposta inconsciente, manifesta hoje na clínica, especialmente se tomamos o inconsciente como estruturado como linguagem.²⁹

O apagamento das línguas indígenas e o deslocamento radical das distintas etnias africanas de sua cultura, língua e território, a ausência da inscrição originária do trauma transatlântico em sua língua-mãe de gozo e o forçamento da migração translinguística produziu um modo de defesa inconsciente próprio. Hipotetizamos que se constituiu uma fissura estrutural no signo linguístico. A intensidade pulsional que resta dessa operação linguística, por sua vez, é encriptada pela língua estrangeira que fixa, congela e impede o deslize pulsional que produziria suas possibilidades de significação.

Figura 1: Relação triádica do signo



Essa adulteração sígnica que testemunhei me parece decorrente de um modo específico de relação entre os três termos do signo peirciano, adotado por Lacan, desde os anos 1960, a partir do Seminário VII. Os termos do signo são: objeto (ideia associada ao *representamen*), *representamen* (imagem índice do objeto físico) e *interpretamen*

²⁸ Moreno Cárdenas, *A colonização e seus restos*.

²⁹ Lacan, *Os escritos*.

(mediador da relação entre objeto e representante).³⁰ Identificamos uma suspensão ou uma corruptela na capacidade de ligação entre o objeto e o índice (*representamen*) no nível conectivo da interpretação (*interpretamen*) por conta da imposição violenta de uma escrita, cuja versão histórica, acontece em uma língua estrangeira de modo monolinguístico.

Há uma impossibilidade de se realizar a ligação entre a ideia e a imagem-índice do objeto dada a imposição de uma outra língua estrangeira radicalmente desconhecida para escrever a experiência no campo do Outro. Dessa maneira, a vivência se reduz ao índice que, curto-circuitado em sua impossibilidade de ser representado, resta congelado no significado que lhe foi atribuído pela língua do colonizador. Mantém-se, assim, retida toda a carga pulsional mortífera como intensidade viva e atual, não amortecida ou historicizada pela linguagem. Esses índices tornam-se, assim, ordens de ferro e imagens não dialetizáveis.³¹

Sequência 8 – Pensadoras decoloniais

Essa constatação é compartilhada por duas intelectuais que estudam a neocolonialidade: Sílvia Cusicanqui³² e Rita Segato.³³

Cusicanqui,³⁴ socióloga boliviana indígena aymara, testemunha essa dimensão sógnica ao verificar que as palavras, no horizonte dos países pós-colonizados, perdem sua capacidade de representação, de conexão entre o público e o privado, explodindo pulsionalmente em violentos levantes quando atingidas ou mobilizadas. Um exemplo mais recente é a morte de George Floyd e a explosão mundial do movimento “black lives matter”.

“No colonialismo, há uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, mas encobrem. [...] Desse modo, as palavras se converteram em um registro ficcional, repleto de eufemismos que escondem a realidade ao invés de designá-la”.³⁵ Guardemos, por ora, da teoria sociológica da autora: (1) a impossibilidade de associação [representação, portanto] entre a imagem e a palavra, (2) a redução da potência da verdade à imagem e (3) a irrupção pulsional quando se esbarra no que está soterrado, encriptado.

Esse modo de obstáculo à escrita pulsional ganha volume quando, em seus estudos antropológicos sobre o Édipo Negro, Rita Segato³⁶ também verifica uma dimensão sógnica encriptada referente ao racismo. Ela trabalha o duo da maternidade brasileira na figura jurídica e biológica da mãe branca, de um lado, e de outro, da mãe de fato, a mãe preta, numa dupla inscrição associada a duas figuras da religião de matriz africana: Iemanjá e Oxum. A ambivalência de afetos e o apagamento da história da escravização através do exercício da dupla função materna no Brasil – mãe e babá – é efeito de uma

³⁰ Peirce, *Semiótica*.

³¹ Lacan, *Le Séminaire, livre 21*.

³² Cusicanqui, *Chixinakax utxiwa*.

³³ Segato, *Édipo Negro*.

³⁴ Cusicanqui, *Chixinakax utxiwa*.

³⁵ Cusicanqui, *Chixinakax utxiwa*, p. 29.

³⁶ Segato, *Édipo Negro*.

operação de forclusão da mãe negra pelo discurso branco oficial. Rita diz, em entrevista, que o termo forclusão não é exato para designar a seguinte operação.

"Arranca-se a mãe não branca e oculta-se sua possibilidade de inscrição – que ainda perdura codificada e *criptografada*, como sempre acontece na psiquê – *ao contrabandear, em seu lugar, outra cena que bloqueia definitivamente a possibilidade de resgate*".³⁷ Guardemos de Segato: (1) a defesa através do contrabando de uma representação que se coloca no lugar de outra interdita e subtraída; (2) e o encriptamento do vivido sem possibilidade de ser resgatado.

A evolução, diferenciação, fragmentação e supressão na composição das línguas em territórios coloniais foram violentamente compostas num mosaico complexo com origens perdidas e laços construídos pelo estupro, invasão, despossessão, extrativismo e toda sorte de violência colonizadora.³⁸ O que nos interessa aqui pensar é o que uma língua mãe – lalíngua – guarda do som como equivocidade que ressoa enquanto efeito de gozo do corpo. Como uma língua afeta o gozo do corpo? Como ela é bloqueada pela predicação, pela nomeação?

Precisamos pensar a clínica psicanalítica a partir dessa operação linguística violentamente bloqueada. Parece-nos vivências mais próximas da teoria das neuroses de guerra e mais distantes da teoria clássica do trauma em Freud. Elas refletem uma supressão radical da possibilidade de significação de uma vivência traumática, que não traz possibilidade alguma de satisfação (pulsão de morte) e que resta brutalizada e embotada pela língua estrangeira imposta, que se torna familiar.

A atualidade da cena atualiza, repete e congela, até então sem tradução, um passado imemorial de expropriação, modelado a partir da colonização, seja por exploração, seja por assimilação. Seus elementos encarnam o índice corrompido de uma descontinuidade a partir da qual a produção de uma significação se encontra bloqueada. Como não haveria efeitos de gozo, se a imposição violenta de línguas estrangeiras sobre línguas originárias e a aniquilação da humanidade de distintos povos e etnias ameríndios africanos estão na base constitutiva da *modernidade amefricana*?³⁹

Sequência 9 – Advertências joyceanas

Proponho, finalmente, discutirmos os efeitos das predicações na clínica psicanalítica lacaniana clássica, aqui revisitada numa perspectiva decolonial. Mas antes gostaria de localizar que falo desde o aforismo: "Eu não digo mesmo 'a política é o inconsciente', mas simplesmente 'o inconsciente é a política!'" .⁴⁰ Portanto, entendo que, uma psicanálise que não se detenha em suas incidências políticas, não é mais psicanálise.

Lacan é claro ao analisar três médicos do Togo, país situado ao oeste do continente africano. Ele afirma que o inconsciente que havia sido vendido a eles, junto com as leis da colonização, foi domesticado. A ponto de trazerem seu relato na clínica sem lembranças infantis recalçadas e articuladas a seus mitos tribais originários, porém aderido aos moldes familiares da tradição edípica burguesa.

³⁷ Segato, *Édipo Negro*, p. 229, grifo nosso.

³⁸ Galindo, *Latim em pó*.

³⁹ Gonzalez, *Por um feminismo afrolatinoamericano*.

⁴⁰ Lacan, *Le Séminaire: La logique du fantasme*, p. 236.

O que se lê é que o discurso imperialista exerce influência determinante sobre o inconsciente do colonizado, impondo a narrativa edípica juntamente com as leis colonial, no lugar da própria cultura do colonizado, que é exotizada, fetichizada, fazendo com que os togoleses leiam suas próprias experiências e crenças tribais a partir de uma chave etnográfica.⁴¹

Christiane Matozinhos (2023) mostra, na contramão, como a língua gaélica inocula no texto joyceano os 800 anos de colonização inglesa na Irlanda. Eles se fundem na introdução de mais de 80 línguas mortas pelo Império Britânico na escrita de J. Joyce, realizada em língua inglesa. O inconsciente de Joyce, tal como os dos pacientes do Togo, era marcado pela lógica determinada pelo Outro imperial e sua língua dominante. O inconsciente vendido a Joyce foi esse determinado pela cadeia significativa do Império, já que Joyce se subjetiva na linguagem do Outro, castrado por uma ordem simbólica dos invasores, dos opressores.

"Eu disse que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. É estranho que se possa também chamar desabonado do inconsciente alguém que joga estritamente apenas com a linguagem, ainda que se sirva de uma língua entre outras e que é, não a sua – pois a sua é justamente uma língua apagada do mapa, a saber, o gaélico, da qual ele sabia alguns pedacinhos, o bastante para se orientar, mas não muito mais – portanto não a sua, mas aquela dos invasores, dos opressores. Joyce disse que, na Irlanda, havia um senhor e uma senhora, sendo o senhor o Império Britânico e a senhora a Santa Igreja católica apostólica romana, ambos sendo do mesmo gênero de flagelo".⁴²

Ao recuperar Wapeemukwa,⁴³ Matozinhos⁴⁴ aponta que se a castração é universal para seres falantes, a ordem simbólica é contextualmente específica e a linguagem daquele que opera a castração importa – especialmente em contextos coloniais. E qual a particularidade de ser marcado subjetivamente pela ordem simbólica dos colonizadores, sejam eles portugueses, franceses ou britânicos? O efeito do inconsciente estruturado como linguagem e marcado pela imposição do saber imperial-capitalista alienante. Como os efeitos da cripta e da lógica predicativa se desdobram no Brasil?

País herdeiro da colonização portuguesa, a complexidade da constituição da língua em terras pindorâmicas, guarda matrizes dos povos indígenas originários – eram mais de 400 línguas no Brasil Colônia – e estruturas afrogramaticais advindas com a escravização. Como não haveriam efeitos inconscientes, se o inconsciente é estruturado como uma linguagem?

Se as línguas tupi e macro-jê são os maiores troncos dos povos originários indígenas, que se tem conhecimento, e as línguas bantas, do grupo gbe e iorubá, as de matrizes africanas de maior incidência na formação da língua portuguesa no Brasil, conseguimos entender porque, por exemplo, encurtamos os plurais (vinham no prefixo e não no sufixo com um "s") (Galindo, 2022, p. 191) ou a troca do "l" pelo "r" da matriz iorubá (Gonzalez, 2020) (framengo). "Nosso português parece ter sido estruturalmente alterado por esses falantes de línguas africanas."⁴⁵

⁴¹ Matozinhos, *O sinthoma como resposta ao discurso do capitalista*, p. 140.

⁴² Lacan, *O seminário*, livro 23, p. 162.

⁴³ Wapeemukwa, *Oedipal Empire*.

⁴⁴ Matozinhos, *O sinthoma como resposta ao discurso do capitalista*.

⁴⁵ Galindo, *Latim em pó*, p. 186.

Para Matozinho,⁴⁶ é com Joyce que Lacan explicita o que foi apenas insinuado em suas observações sobre os analisandos togoleses, de que a imposição de uma lógica discursiva imperial-capitalista determina uma articulação significativa que obtura a articulação de uma outra ordem simbólica.

Sequência 10 – Enfim, a predicação e a nomeação na clínica psicanalítica

Retomemos os efeitos da lógica das predicações na clínica psicanalítica clássica e extraíamos as possibilidades decoloniais de direção para o tratamento clínico orientado pela psicanálise. Com esta lógica aplicada à clínica, podemos decantar distintos níveis de interpretação. No primeiro nível, alienação ou separação incidem como operações clássicas desenvolvidas por Lacan em seu seminário 11. Entre sujeito e Outro, separar-se do significante-mestre civilizatório implica em se haver com a impossibilidade estrutural da linguagem. Isso quer dizer, em outras palavras, o seguinte. Diante da alienação, identitária ou mesmo ideológica, durante um processo analítico, o sujeito pode se separar de seus agenciadores, nomeados significantes-mestres pela psicanálise. Ao se separarem dele, resta o vazio de significação sobre o ser, que retorna como causa desejante, movimentando o sujeito em relação ao seu desejo. Aqui temos o sujeito do inconsciente como distinto do *Eu*. Como propôs Ribeiro,⁴⁷ “o sujeito se autorizando a falar de si mesmo e arcando com as responsabilidades implicadas nessa operação discursiva”.

No segundo nível da lógica predicativa, estamos diante de predicações societárias, que vão desde os diagnósticos até as classificações de classe ou raça ou gênero. Aqui podemos localizar a condição de assujeitamento, de alienação subjetiva aos significantes ditos civilizatórios. O sujeito está diante de designações genéricas, tais como tomadas por Ian Hacking (2004-2005) como modo de moldar pessoas. Seu efeito é tão intenso que um sujeito pode mesmo se forjar a partir daí.

As pessoas hoje parecem ávidas por encontrar um significante que possa nomear e diagnosticar qualquer tipo de incômodo que experimentam. Isso não é sem consequência, pois pode levar o sujeito a alojar-se confortavelmente sob a égide desse significante, de modo passivo e sem se interrogar e implicar-se nas suas próprias questões. Por outro lado, para a sociedade, isso tem se tornado muito importante e não menos eficaz, sobretudo porque é por essa via que tanto o controle quanto a dominação se efetivam.⁴⁸

Face ao “tu és”, há possibilidade de dialetização de uma designação, de desalojamento de uma classificação. É justamente esse ponto que a Psicanálise propõe interrogar, fazendo vacilar a lógica imperialista do universal “para todos” que, em nada, contribui para que o sujeito consiga lidar com a condição essencialmente desejante que o constitui.

⁴⁶ Matozinho, *O sinthoma como resposta ao discurso do capitalista*.

⁴⁷ Ribeiro, *Tornar-se negro, devir sujeito*, p. 109.

⁴⁸ Pinheiro, *Adolescência e violência*, p. 115.

Escandir o “tu és” do “ele é” nos parece uma condição central para uma psicanálise situada no Sul Global – a ser exportada para as condições do Norte em suas refrações. Pois nesta terceira lógica predicativa, não basta a intervenção sobre o sujeito que fala, o sujeito do inconsciente. Ele irá se deparar com a imposição violenta do universal a cada esquina.

Neste sentido, mesmo que o sujeito trabalhe sua relação com sua etnia, sua cor ou sua geopolítica de pertencimento, ele será sempre tomado a partir dela. O conflito em Gaza talvez seja hoje seu maior quadro agudo de incidência e o genocídio perpétuo da população negra brasileira, seu maior quadro crônico.

Como escapar ao destino “Severino”, ao destino funesto que, do Outro, se impõe ao sujeito do inconsciente? A pergunta de Fanon sobre a possibilidade de dialetização ganha aqui nova inflexão. Mesmo que o sujeito se separe dos significantes-mestres civilizatórios em um percurso clínico psicanalítico, ele deixará de se deparar com a imposição, de forma antecipada, deste signifiante destinal, desse destino destrutivo? Uma intervenção analítica que não intervenha sobre o Outro designador poderá recolher, efetivamente, seus efeitos analíticos?

Sequência 11 – Alguns princípios para a clínica psicanalítica decolonizada

1. Em *Condenados da Terra*, Fanon entende o processo de decolonização como intimamente imbricado a uma subversão da linguagem:

“A decolonização nunca passa despercebida, pois atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, recolhidos de modo quase grandioso pelos raios luminosos da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade”.⁴⁹

Uma das linhas clínicas implica em reescrever a história pelo processo de decolonização da memória. Não exatamente falar do novo, mas escavar uma memória para o futuro. Inventar o passado para projetar o futuro. Olhar o passado de pessoas apagadas e ler o que não foi escrito, sua impossibilidade de tradução. Assim se desloca o real.

2. Com Freud, lembramos: há o medo e a angústia que suscitam defesas inconscientes e conscientes. O medo toca nosso estranho, o duplo de nós mesmos na forma de um gozo que não nomeamos, mas que nos habita. Inclui-lo na clínica, sem pactuar com sua projeção nas figuras sociais da vilania, do pior, do inimigo, implica a responsabilidade clínica do psicanalista. O medo, que em psicanálise chamamos de angústia (sinal de angustia em Freud), advém da perda das categorias (S1) que temos e que não respondem mais à configuração atual do mundo. Trabalhar o modo como nos defendemos da angústia, implica uma localização subjetiva da relação com nossas fantasias inconscientes e com nosso pior, mas também implica em desmontar discursivamente as ficções hegemônicas (ideologias) que guiam a cultura.

⁴⁹ Fanon, *Condenados da terra*, p. 32.

3. Neusa Santos Souza,⁵⁰ ponto maior de diálogo com Cristiane Ribeiro,⁵¹ inicia suas construções em *Tornar-se Negro* destacando uma das saídas para o sofrimento da pessoa negra face ao racismo: “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”.⁵² Ela aponta o amor e a militância como caminhos. Cristiane Ribeiro expande para respostas singulares variadas os novos modos de agenciamento do gozo, a partir do “eu sou” que dialetiza a relação com o “tu és”. Essa orientação clínica se aproxima da nomeação do gozo.

4. Christiane Matozinho,⁵³ no diálogo de Lacan com Joyce, destaca o uso que Joyce faz da linguagem e como este uso impressiona Lacan. Longe de ser apenas um recurso estilístico ou a marca de uma psicose, ele diz respeito a uma marca política importante. Joyce resolve fazer um bom uso da imposição linguística imperial, transformando-a em munição em sua artilharia contra o império, fazendo, segundo O'Brien,⁵⁴ da linguagem do império o império da linguagem. Joyce implode os elementos da língua inglesa enxertando neles destroços de outras línguas. Para Matozinho, esse recurso abre uma fenda na significação arbitrada pelo Outro, gerando assim o equívoco. Não seria o guia para nossa clínica geopoliticamente situada hoje?

5. Com Cusicanqui e Rita Segato encontramos novos caminhos para pensar a clínica decolonizada em psicanálise. A via do gozo, bloqueada pela cripta colonial, é efeito dos imperialismos, operado pelo discurso colonial que vende e funda a barragem sígnica. Ela é efeito da história, supostamente universal e unívoca (S1), que dá origem à formação e normatização de todo corpo de gozo no tecido neocolonial, fixando suas condições de usufruto e de satisfação (objeto a): S1/a. Mas cabe sempre ao sujeito consentir ou não consentir, violar o código e rachar, quebrar, estilhaçar a cripta. É a ausência de movimento pulsional que está em jogo na cena traumática, congelada e atualizada. Fissurar as defesas crípticas, finalmente, abre condição para o movimento pulsional na clínica. Como?

6. Face à cripta, Lélia Gonzalez⁵⁵ lembra que a consciência é o lugar do engodo e a memória o lugar de onde uma verdade, sempre não toda em torno do real, pode emergir. Assim, intervindo sobre os processos de memória, podemos resumidamente articular os seguintes elementos para uma clínica decolonial: (1) fissurar a cripta; (2) para isso localizar os índices de agenciamento do gozo no discurso colonial (S1/a); (3) retificar o sujeito nessa língua mãe de gozo domesticada, parasitada pelo significante; (4) bem como retificar ou escrever a memória inexistente – Lacan falava em fazer “rasura de traço algum que lhe seja anterior”⁵⁶ –, recontando a História que se quer universal através da história traumática de cada falasser, do que não está lá; (5) pois apenas a constituição da memória (inconsciente) permitirá o esquecimento; (6) donde emergirá a condição de *assentimento e responsabilidade do sujeito e do Outro* a novos nomes para o gozo, seja em termos civilizatório, coletivo ou singular.

⁵⁰ Souza, *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*.

⁵¹ Ribeiro, Cristiane. *Tornar-se negro, devir sujeito*, p. 81.

⁵² Souza, *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, 17.

⁵³ Matozinho, *O sinthoma como resposta ao discurso do capitalista*.

⁵⁴ O'Brien, *Recharging the Canon*.

⁵⁵ Gonzalez, *Por um feminismo afrolatinoamericano*.

⁵⁶ Lacan, *Lituraterra*, p. 21.

Enfim

Para uma psicanalista consciente dos efeitos da colonialidade, já não é possível reproduzir cegamente os processos violentos da neocolonização nem recobrir a clínica com o mesmo véu da obscenidade imperialista colonizadora, mantendo o circuito de gozo a ela relacionado como laço social.

Severinar torna-se, assim, ao mesmo tempo, alienação e separação, prisão e liberdade. Como meio de localização de modos de gozo singulares e de determinantes discursivos que sustentam lógicas hegemônicas, permite o trabalho subjetivo e estrutural com a colonialidade do ser.

Deslizar dentro do significante, implodi-lo, ressignificá-lo e reconhecer suas bordas, orienta a clínica para o real que extrapola todo campo de sentido. Diante do inconsciente como manifestação real, a interpretação, assemântica, visa à desmontagem da defesa.

Não recuar diante da política talvez seja, hoje, um sinal que indica o caminho para o psicanalista, tendo como ponto de orientação a colonialidade do inconsciente estruturado como linguagem e seu real.

Referências

- BISPO, Nego. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Chixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. São Paulo: N-1, 2021.
- FANON, Frantz. *Condenados da terra*. São Paulo: Zahar, 2022.
- GALINDO. *Latim em pó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamefricano*. São Paulo: Zahar, 2020.
- GUERRA, Andréa M. C. A cripta. In: GUERRA, Andréa M. C.; LIMA, Rodrigo Goes e (org.). *Ubuntu: psicanálise e herança colonial*. São Paulo: N-1, 2023.
- GUERRA, Andréa M. C.; LIMA, Rodrigo Goes e (org.). *Psicanálise em elipse decolonial*. São Paulo: n-1, 2021.
- GUERRA, Andréa M. C.; VORCARO, Angela (org.). *O nominalismo em Jacques Lacan*. Curitiba: CRV, 2018.
- GUERRA, Andréa Máris Campos. *Sujeito suposto suspeito: a transferência no Sul Global*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.
- HACKING, Ian. *Façonner les gens: cours au Collège de France 2004-2005*. Paris: Collège de France, 2005.
- JOBIM, Tom; BUARQUE, Chico. A violeira. In: *O grande circo místico: trilha sonora*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1983.
- LACAN, Jacques. Ciência e verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. pp. 865-890.
- LACAN, Jacques. *Intervenção aos psiquiatras*. 1968. Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 21: Les non-dupes errent*. 1974. Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire: La logique du fantasme (1966-1967)*. Inédito.
- LACAN, Jacques. Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo do analista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

- LACAN, Jacques. *Os escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- MATOZINHO, Christiane Odete. *O sinthoma como resposta ao discurso do capitalista: uma leitura política da colonialidade de Joyce pela psicanálise*. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.
- MELLO NETO, João Cabral. *Morte e vida severina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Acessado em 12 de agosto de 2024 em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>
- MORENO CÁRDENAS, Omar David. *A colonização e seus restos: transmissão, linguagem e olhar*. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- O'BRIEN, Eugene. 'Recharging the Canon: Towards a Literary Redefinition of Irishness'. In: Thompson, H.(ed.). *Having our own Field Day: Essays on the Irish Canon*. New York: Edwin Mellen Press, 2005, p. 101-121.
- PEEBLES, Frances de Pontes. *A costureira e o cangaceiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Semiótica, 2022.
- PINHEIRO, Maria do Carmo. *Adolescência e violência: modos de agir no contemporâneo*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- RIBEIRO, Cristiane. *Tornar-se negro, devir sujeito*. Belo Horizonte: [s.n.], 2023.
- SEGATO, Rita. Édipo Negro. In: *Oito ensaios sobre o colonialismo*. São Paulo: Elefante, 2021.
- SILVEIRA, Breno. *Entre irmãs* [filme]. Produção: Conspiração Filmes. São Paulo: Globo Filmes, 2017.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- WAPEEMUKWA, Wayne. Oedipal Empire: Psychoanalysis, Indigenous Peoples and OEDIPAL Complex in colonial context. In: GEORGE, Sheldon; HOOK, Derek. *Lacan and Race: Racism, Identity, and Psychoanalytic Theory*. Londres: Routledge, 2022, P. 83-101.

SOBRE A AUTORA

Andréa Máris Campos Guerra

Psicanalista. Professora do Departamento e do Pro-grama de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, onde coordena o núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) com Estudos Aprofun-dados na Université de Rennes 2 (França). Bolsista de Produtividade 2 do CNPq. Professora visitante na França, Bélgica e Colômbia. Coordenadora do Projeto Psicanálise e Decolonização com a Editora n-1. Membro fundadora da Rede Internacional de Investigação em Psicanálise e Criminologia (RICA), do GT Psicanálise, Clínica e Política da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP), da Rede Interamericana de Pesquisa e Psicanálise e Política (REDIPPOL) e da Rede Internacional Coletivo Amarrações. *E-mail:* andreamcguerra@gmail.com.